

Museu Virtual da Boa Esperança: histórias e memórias

Virtual Museum of Boa Esperança: histories and memories

Museo Virtual Boa Esperança: historias y memorias

Gianne Carline Macedo Duarte Ferreira

Mestra em Sociedade e Cultura

Instituição: Universidade Estadual do Piauí

Endereço: Teresina – Piauí, Brasil

E-mail: gcmd.f@aluno.uespi.br

Maria da Vitória Barbosa Lima

Doutora em História

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Endereço: Recife – Pernambuco, Brasil

E-mail: mariavitoria.lima@srn.uespi.br

RESUMO

O Museu Virtual da Boa Esperança foi inaugurado no dia 5 de junho de 2021. Nele encontramos fotografias, notícias, histórias de vida e memórias coletivas das pessoas que integram a comunidade que representa uma região tradicional de Teresina-PI. O objetivo deste trabalho é apresentar o Museu enquanto espaço de memórias da cultura coletiva das famílias ameaçadas de desapropriação pelo Programa Lagoas do Norte (PLN). O PLN proposto pela Prefeitura de Teresina visa investimentos na área da habitação e drenagem urbana. No entanto, para ser executado, o projeto necessita desapropriar mais de duas mil famílias que residem na região. As fontes analisadas são os depoimentos contidos no Museu, a produção historiográfica e a documentação produzida pelas autoridades municipais. Em suma, destacamos que o Museu é uma ferramenta de luta usada para denunciar as desapropriações involuntárias e exigir o direito à cidade e à preservação da cultura ancestral.

Palavras-chave: museu, memória, comunidade Boa Esperança, resistência, Teresina-PI.

ABSTRACT

The Virtual Museum of Boa Esperança was opened on June 5, 2021. It contains photographs, newspapers, life stories and collective memories from people who belong to the community which represents a traditional region in Teresina-PI. The purpose of this work is to present the Museum as a space of memories from the collective culture of families threatened by expropriation by the Lagoas do Norte Program (PLN). The PLN proposed by Teresina City Hall aims to invest in the housing area and urban drainage. However, in order to be accomplished, the project needs to expropriate more than two thousand families living in the region. The sources analyzed are testimonies contained in the Museum, the historiographical production by the authorities from the town. In short, we have highlighted that the Museum is a tool of struggle used to report involuntary expropriations and to demand the right to the city and the prevention of ancestral culture.

Keywords: museum, memory, Boa Esperança community, resistance, Teresina-PI.

RESUMEN

El Museo Virtual de Boa Esperança fue inaugurado el 5 de junio de 2021. En él encontramos fotografías, noticias, historias de vida y memorias colectivas de las personas que integran la comunidad que representa una región tradicional de Teresina-PI. El objetivo de este trabajo es presentar el Museo como un espacio de memoria de la cultura colectiva de familias amenazadas de expropiación por el Programa Lagoas do Norte (PLN). El PLN propuesto por el Ayuntamiento de Teresina apunta a inversiones en el área de vivienda y drenaje urbano. Sin embargo, para ejecutarse, el proyecto necesita expropiar a más de dos mil familias residentes en la región. Las fuentes analizadas son los testimonios contenidos en el Museo, la producción historiográfica y la documentación elaborada por las autoridades municipales. En definitiva, destacamos que el Museo es una herramienta de lucha para denunciar expropiaciones involuntarias y exigir el derecho a la ciudad y la preservación de la cultura ancestral.

Palabras clave: museu, memoria, comunidade Boa Esperança, resistência, Teresina-PI.

1 INTRODUÇÃO

“O Museu Virtual da Boa Esperança é mais uma ferramenta de luta dos Povos e Comunidades Tradicionais que habitam a região das Lagoas do Norte de Teresina, servindo como uma plataforma digital do Museu físico que está enraizado no território”.
(Museu da Boa Esperança, 2022)

No dia 5 de junho de 2021 foi inaugurado o Museu Virtual da Boa Esperança através do *youtube*® e do *Facebook*®. Este museu virtual configura-se como um elemento de luta das pessoas que integram a região da zona norte de Teresina, capital do Piauí. Em especial a população que vive na região das Lagoas do Norte, pois em 2019 algumas pessoas da comunidade se autorreconheceram remanescentes quilombolas e então iniciaram as suas lutas pela demarcação do território. O museu virtual integra-se ao **museu físico e itinerante**¹ que existe na região e ao museu vivo que se expressa cotidianamente através da relação das pessoas com o território (Museu da Boa Esperança, 2022).

Desta feita, foi a partir das vivências na região que uma das autoras desse texto se sentiu desejosa em se aproximar dessa temática de pesquisa, pois em 1994, a referida e seus pais, após passarem um período em São Paulo-SP devido a diáspora nordestina, vivenciaram o processo de

¹ Baibai, um dos representantes do Centro de Defesa Ferreira de Sousa, explica que o museu tem o objetivo de se movimentar na cidade, ocupando as universidades e escolas de nível médio e fundamental (TV Antares Piauí, 2023).

migração de retorno e passaram a morar em um bairro vizinho a Avenida Boa Esperança, o bairro Nova Brasília² e que integra a região das Lagoas do Norte. Assim, a infância e a adolescência de uma das autoras foram permeadas por vivências na região, como por exemplo: visitas à horta comunitária e ao Mercado do Peixe para compra de alimentos e as frequentes visitas às casas de rezadores/eiras e benzedeiros para tratar da saúde.

Contudo, em 2006, com a chegada do Programa Lagoas do Norte (PLN) e sua intensificação em 2014 com a notificação de despejo da população com o objetivo de iniciar as obras de duplicação da Avenida Boa Esperança o interesse em estudar a temática se ampliou e segue se materializando através da proposta de pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura (PPGSC/UESPI) e aprovada junto ao Comitê de Ética e Pesquisa – CAAE 67305922.4.0000.5209.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar o Museu Virtual enquanto espaço de memórias, de fortalecimento da ancestralidade afrodiáspórica e da cultura coletiva das famílias ameaçadas de desapropriação pelo Programa Lagoas do Norte (PNL). As fontes analisadas são os depoimentos contidos no Museu que são de domínio público e estão disponibilizados através da rede mundial de computadores, a produção historiográfica e a documentação produzida pelas autoridades municipais.

Diante do exposto, este estudo se insere no paradigma qualitativo de investigação, pois o teor das informações obtidas é mais importante, para os objetivos do trabalho, do que a frequência com a qual elas aparecem (Barbier, 2002).

O texto está dividido em três partes, na primeira abordamos a materialização do museu junto à comunidade e os esforços coletivos para a composição do acervo, depois apresentamos os tópicos do museu e ressaltamos que o museu virtual preserva as imagens e narrativas que antes eram registradas apenas através da oralidade e das práticas cotidianas, e, por fim, discutimos o

² Segundo os pesquisadores Juan Paul Macedo Duarte e Raimundo Jucier Souza de Assis a ocupação do Bairro Nova Brasília iniciou por volta da década de 1950. Em um primeiro momento o lugar era usado apenas como um caminho/atalho para facilitar o trânsito dos moradores/as da região do Poti Velho até a região central da cidade de Teresina. Com a expansão urbana a região começou a ser usada como pasto para animais e logo os moradores mais antigos, dentre eles, o Senhor Anísio Pires, perceberam que a região era rica em argila o que facilitaria a produção de tijolos e telhas, principalmente no período da estiagem e assim houve o estabelecimento das primeiras olarias na região, com auge de funcionamento no período compreendido entre 1970-1985. Confira: MACEDO-DUARTE, Juan Paul; ASSIS, Raimundo Jucier Souza de. **Olarias e Sua Importância Para O Desenvolvimento do Bairro Nova Brasília, Teresina-PI**. Anais do Simpósio de Geografia da UESPI, 2018. p. 210-214.

museu virtual como possibilidade de prática decolonial.

2 DO PENSAMENTO À MATERIALIZAÇÃO DO MUSEU

A historiadora Beatriz Nascimento (2018) nos ensina que o quilombo é um lugar de memória e história; um espaço para a recuperação da identidade e da ancestralidade. Para a estudiosa o conceito de quilombo é originário dos africanos bantos e representa a resistência do povo negro para manter sua história. A partir desse ensinamento questionamos: quais seriam as formas de fortalecimento das histórias, memórias e ancestralidade de uma comunidade que se autorreconheceu quilombola em 2019?

Uma das estratégias a mencionar é o Museu Virtual da Boa Esperança. Um museu virtual que se integra ao **museu vivo e itinerante** que existe no local, pois nele é possível encontrar fotografias, notícias, produções acadêmicas, histórias de vida e memórias coletivas dos vazanteiros, rezadeiras, benzedadeiras, oleiros, pescadores, bordadeiras. A elaboração do Museu contou com o financiamento da *Fundação Perseu Abramo* via edital de chamada pública (Lagoas do Norte Pra Quem? 2021).

O Museu foi elaborado pela comunidade que uniu esforços e contribuições coletivas para alocar pedaços de memórias e histórias, como por exemplo: instrumentos utilizados na prática laboral, telhas, tijolos, bicicleta que representam a cultura e a arte de uma comunidade ribeirinha em Teresina (Comunidade Boa Esperança Lança Museu Virtual, 2021).

Segundo Luan Rusvell Andrade e Stenny Dyego Rocha (2019), a senhora Maria Lúcia de Oliveira Sousa, ativista que vive na região da Boa Esperança desde o seu nascimento em 1970, chamou a atenção para a preservação das memórias da comunidade e iniciou um processo de arrecadação de objetos que trazem consigo pedaços das suas histórias, dentre eles: fotografias, rádios, bicicleta, pilão, gamela e não apenas elementos físicos, mas as lembranças que antes estavam guardadas apenas na memória dos moradores e das moradoras da região e perpetuados através da oralidade agora estão eternizados e podem ser visualizados por todas as pessoas com acesso à rede mundial de computadores.

Acrescentamos que no dia 26 de setembro de 2019, conforme ilustrado na figura 1, o Centro de Defesa Ferreira de Sousa (CDFS) inicia uma campanha com o propósito de reunir

elementos para integrar o acervo de memória da comunidade Boa Esperança. É importante destacar que, inicialmente, o museu foi denominado de Museu da Resistência da Boa Esperança.

Figura 1 - Reprodução da página do Facebook Lagoas do Norte, Pra Quem?



Fonte: Lagoas do Norte Pra Quem? (2019)

Nesse contexto, O CDFS lançou uma convocação pública por meio da página do *Facebook*³ utilizando texto e imagem com o intuito de alcançar uma audiência diversificada incluindo artistas, pesquisadores e jornalistas. A imagem mencionada na descrição apresenta, em primeiro plano, a inscrição em branco “Acervo de Memória” e abaixo “Museu da Esperança”. No segundo plano, observamos um varal com diversos prendedores de roupas, alguns de plástico colorido e outros produzidos a partir da madeira, que, na foto, seguram folhas de papel brancas com palavras de ordem como, “história” e “ouvir”. Outras palavras, devido ao movimento das folhas de papel quando a fotografia foi realizada, podem ser inferidas como “lembrança” e “descoberta”, dentre outras que não puderam ser identificadas. Ademais, podemos conferir que

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/8397071627553075>. Acesso em: 14 set. 2024.

no terceiro plano há plantas e arbustos e ainda um muro de tijolos sem revestimento fazendo referência aos quintais da Comunidade.

A intenção da convocação é envolver as pessoas que vivem na comunidade quanto aquelas que contribuíram para a compreensão da mesma nas mais diversas esferas, incluindo a acadêmica. Tudo isso, visa contribuir para a preservação da memória da comunidade, colaborando com o acervo público e coletivo. Esse acervo desempenha um papel crucial que é utilizado como uma ferramenta adicional na luta da comunidade afetadas pelo PLN.

Adicionamos que estes elementos também simbolizam e registram a forma de trabalho da região e sua contribuição para a cidade. Seja através dos tijolos e telhas que contribuíram para a construção da cidade, seja através da bicicleta – o meio de transporte que foi utilizado para atravessar a cidade levando em seu jacá⁴ os alimentos produzidos na região para serem comercializados e alimentar os habitantes dos diversos bairros da cidade (Museu da Boa Esperança, 2022).

Para explicar o motivo pelo qual tijolos e telhas integram o museu utilizamos do discurso da ativista Maria Lúcia Oliveira proferido durante o grito dos excluídos e das excluídas⁵ que ocorreu em setembro de 2016, e, aproveitamos para comentar sobre a zona norte de Teresina, capital do Piauí.

Esse prefeito [Firmino Filho] quer tirar todo mundo de lá, mas só que nós não vamos deixar! Porque a nossa força e a nossa raça não permitem! Porque ali está a descendência indígena e a descendência negra daqui de Teresina! A nossa raiz é ali! Nós somos filhos de Nanã, o primeiro orixá, o barro que construiu essa cidade! O barro da Zona Norte, a mão oleira da Zona Norte construiu a cidade de Teresina [...]. Quem é mais antigo aqui sabe! Se você passar de avião em cima dessas casas mais antigas aqui do centro, você vai ver! Essas telhas foram construídas por aqueles oleiros! E sabe como é que essas telhas eram construídas? Na coxa! Os oleiros construíam na coxa! Bem aqui na Igreja São Benedito, aqueles tijolinhos que têm bem ali foram construídos pelos oleiros da zona norte, na mão! De quem será aquela mão que passou naquele tijolo? Então, a gente está aqui para denunciar! E aonde a gente for a gente vai denunciar sim, porque nós temos raízes e temos coragem, porque foi assim que nós aprendemos: lutando! (Oliveira, 2016 *apud* Pereira, 2016).

⁴ Entendemos por jacá um cesto produzido a partir das palhas das palmeiras que são usados para guardar ou transportar alimentos e objetos.

⁵ O grito dos excluídos e das excluídas configura-se como um conjunto de manifestações populares que ocorrem no Brasil desde 1995 e acontecem na semana da pátria culminando no dia 7 de setembro e tem como objetivo principal promover visibilidade às pessoas que integram as chamadas minorias sociais e as suas especificidades.

Neste trecho percebemos uma forte resistência à ação do então prefeito Firmino Filho⁶, que no período em questão, buscava remover as pessoas que viviam na região das Lagoas do Norte. A motivação para resistir é fundamentada na força da identidade racial da comunidade local que se afirma detentora das descendências indígena e negra de Teresina. Maria Lúcia vincula a importância da localidade à ancestralidade, referindo-se a região como a raiz da cidade e associando-a a divindade Nanã, o primeiro orixá, e ao barro que foi utilizado para a construção da cidade.

A fala destaca a contribuição histórica da Zona Norte na formação de Teresina mencionando a tradição oleira que moldou as antigas casas, inclusive as telhas que foram modeladas diretamente nas coxas dos/por oleiros e oleiras. Ela conecta a construção da Igreja São Benedito (um dos templos religiosos mais antigos de Teresina) à mão habilidosa dos oleiros, o que ressalta o caráter artesanal do templo.

Somado a isso, a luta como algo intrínseco da vida na Comunidade, pois a coragem e a resistência são características fundamentais das pessoas que vivem na comunidade. E, o ato de denunciar evidenciado durante o discurso, é anunciado como uma ação contínua e é uma aprendizagem adquirida por meio da luta através do tempo.

Faz-se mister mencionar que o Museu é administrado pela Associação Centro de Defesa Ferreira de Sousa (CDFFS) que foi criado em 2008 e leva o nome de um dos primeiros moradores da Avenida Boa Esperança. O centro de defesa é formado por famílias atingidas pelo PLN e dentre os seus objetivos estão: o direito à moradia; identificar, preservar as memórias e histórias dos moradores da comunidade e segue reivindicando o reconhecimento da comunidade Boa Esperança enquanto remanescente quilombola (Rodrigues Neto; Lima, 2017).

Ademais, a plataforma é um dos instrumentos de luta e busca por visibilidade dos povos e comunidades tradicionais de Teresina e tem por escopo o fortalecimento da ancestralidade e da cultura coletiva das famílias ameaçadas de desapropriação pelo PLN. Através do museu a comunidade deseja “perpetuar a vida e o cotidiano da região como forma de opor-se ao apagamento e até a destruição de seus espaços de pertencimento” (Comunidade Boa Esperança Lança Museu Virtual, 2021).

⁶ Firmino da Silveira Soares Filho (1963-2021) foi um destacado professor universitário, economista e político piauiense, com expressiva atuação no PSDB. Ele exerceu o cargo de prefeito da cidade de Teresina por dois períodos distintos, de 1997 a 2004 e de 2013 a 2020, estabelecendo-se como o recordista no número de mandatos no cargo.

Portanto, os moradores e moradoras da Comunidade Boa Esperança e descendentes de homens e mulheres que contribuíram para a história da cidade ao longo do tempo e desempenham um papel vital em sua formação resistem coletivamente ao avanço do PLN e em cada ação há um vozear que enuncia: “A GENTE FAZ PARTE DA HISTÓRIA DE TERESINA, A GENTE NÃO QUERIA SER EXCLUÍDO COMO A GENTE É”, como disse Jorge Marreiros, morador da comunidade, em entrevista à TV Antares, em março de 2023 (TV Antares Piauí, 2023).

3 O REGISTRO DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Rosa Maria Godoy Silveira (2008, p. 187) em seu texto intitulado *Movimentos Sociais, Memória e História* nos diz que a memória é a base de todo conhecimento e é o que “alimenta a existência das pessoas e os movimentos sociais de forma ativa”. Ela menciona que ao se tratar de movimento social a memória trará o aspecto individual e o aspecto coletivo e dessa forma acontece o registro de suas experiências que são plurais e singulares. Assim, a memória configura-se como um elemento indispensável ao ofício de historiar (Silveira, 2008). Por intermédio de tais reflexões passamos a compreender a memória como um arcabouço de vestígios que revelam histórias que devem ser analisadas considerando o tempo de quem fala e o espaço de onde fala.

Neste mesmo diapasão citamos Adichie (2019) e sua obra *O Perigo da História Única*. A autora nos diz que é necessário trazer à tona o que os nossos ancestrais fizeram e insistir que as histórias importam:

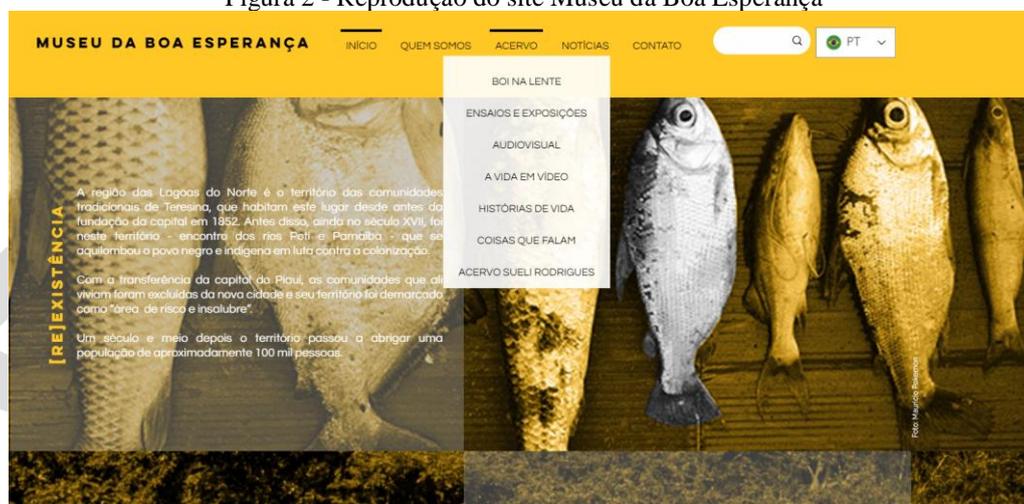
As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 19).

Dessa forma é importante mencionar que os métodos de perpetuação do conhecimento utilizados pelos povos e comunidades tradicionais são diversos, mas é comum ter como base a oralidade, a escuta e a prática contínua e cotidiana (Carvalho; Vianna, 2020). Estes grupos estão intimamente ligados ao seu território, pois é nesse espaço que vivenciam os seus saberes, através da relação com a água, sejam vazanteiros, sejam pescadores ou com a terra, pois nesse espaço é vivenciado um vínculo afetivo e memórias coletivas (Araújo, 1994, p. 303).

Para Halbwachs (2006), a *memória coletiva* tem a função de reforçar a coesão social pela adesão afetiva, ao proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha memórias (comunidade afetiva), através dos quadros de memória (mecanismo estruturante, através do qual os valores são compartilhados por famílias, religião e classe social). A memória também é história ao ser trabalhada, pois torna-se conhecimento.

Assim, o museu virtual apresenta-se como uma possibilidade de **registro** dessas memórias e histórias que antes eram revividas **apenas** através da **oralidade e da prática rotineira**.

Figura 2 - Reprodução do site Museu da Boa Esperança



Fonte: Museu Da Boa Esperança (2022)

Conforme a figura 2, o museu virtual está organizado em várias seções, incluindo: *Início*, *Quem Somos*, *Acervo*, *Notícias* e *Contato*. A aba *Quem Somos* foi estrategicamente concebida para reforçar o site como ferramenta de resistência dos povos e comunidades tradicionais que vivem na região das Lagoas do Norte.

Por outro lado, a seção *Acervo* há materiais sobre a comunidade e produzidos pelas pessoas que lá vivem. As categorias que fazem parte desta aba são: *boi na lente* (destaca o projeto de formação fotográfica e artística em que as pessoas da comunidade envolveram-se em aulas teóricas e práticas de fotografia e compuseram um acervo fotográfico sobre a cultura do Bumba Meu Boi na Zona Norte com imagens dos mestres e de brincantes, culminando em duas atividades externas, a primeira – Encontro de Bois em Teresina (2022) e a outra – Saída do Boi Touro da Ilha para apresentações) *ensaios e exposições* (contém fotos de manifestações culturais

como Bumba Meu Boi e cerimônias religiosas, a exemplo da Casa de Santo do Pai Joceilson), *audiovisual*, (exibe⁷ seis vídeos com duração variando entre 15 a 65 minutos e dentre as temáticas principais estão as vivências na comunidade e suas memórias, a religiosidade e a relação com os rios, *a vida em vídeo* (apresenta vídeos do cotidiano dos moradores e moradoras gravados pela comunidade. A utilização de vídeos como meio de expressão visa documentar as estratégias de resistência daqueles que insurgem contra os desafios diários), *história de vida* (esta seção visa eternizar momentos do cotidiano por meio de vídeos-conversas em que os/as protagonistas são os/as moradores/as mais antigos/as da comunidade, pois a comunidade tem consciência de que as histórias representam um patrimônio inestimável e que a verdadeira riqueza da comunidade são os/as seus/suas moradores/as), *coisas que falam* (sublinha a história contidas nas coisas; nos objetos que tem profunda ligação com o cotidiano e as histórias de vida das pessoas; que representam experiências individuais e coletivas. Além disso, destaca-se a ênfase na vida das pessoas comuns que encontra na materialidade dos seus pertences a expressão genuína dos seus esforços, saberes e emoções) e o Acervo Sueli Rodrigues⁸ (compreende documentos e produções acadêmicas que versam sobre a comunidade e o PLN). É crucial destacar que o museu segue em constante desenvolvimento e a seção de *Contato* foi criada para incentivar a colaboração contínua, convidando mais pessoas a contribuírem com materiais, memórias e histórias ao museu.

No entanto, chamamos especial atenção para as abas *A vida em vídeo* que proporciona o acesso a registros da cultura, modo de vida e tradições da/na região. A aba possui 12 depoimentos e uma matéria veiculada em um jornal local que exploram o cotidiano na cidade contado pelos/as próprios/as moradores/as, são relatos que englobam o tempo presente em uma ação constante de proporcionar visibilidade, cor e vida e acolher memórias a um grupo que sofre tentativas recorrentes de apagamentos, ausência e exclusão. Registrar o momento presente juntamente com as suas demandas e reivindicações é uma maneira de manter viva a esperança.

Logo, cada uma dessas seções visa preservar e representar aspectos fundamentais da vida na comunidade. Além do museu se configurar como um espaço dinâmico e participativo que reflete a riqueza cultural a coletividade e as estratégias de luta e resistência da Comunidade Boa Esperança.

⁷ Salientamos que os dados para a composição deste texto foram revistos em setembro de 2024.

⁸ O nome do acervo representa uma homenagem a Professora Dr^a Maria Sueli Rodrigues de Sousa (1964-2022), mulher, negra, professora, pesquisadora, intelectual, mãe, avó e filha do semiárido.

Portanto, o museu virtual, ao permitir que os próprios moradores e moradoras da comunidade escolham os elementos que compõem/comporão o acervo do museu, contem e registrem as suas histórias e memórias contribui para o pensar e materializar de uma história do Brasil que é plural e diversa e que os povos e comunidades que se entendem como tradicionais possam visibilizar através da rede mundial de computadores as suas vivências afrodiáspóricas que por vezes são negligenciadas pelos museus considerados tradicionais. Esta discussão será ampliada no próximo tópico.

4 O VIRTUAL E OS PRIMEIROS PASSOS PARA A DECOLONIZAÇÃO

O Brasil, por representar uma imensa diversidade sociocultural, é acompanhado de uma variedade de grupos humanos que recebem diferentes denominações, por exemplo: povos, comunidades, culturas, populações, sociedades que normalmente são acompanhados de alguns adjetivos: tradicionais, rurais, autóctones, dentre outros (Little, 2018).

No entanto, como afirmado por Mato (2017), deparamo-nos com uma desqualificação dos modos de produção e acumulação de conhecimentos de povos tradicionais, sejam indígenas ou afrodescendentes. Conforme destaca o Professor Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (2015), na sociedade brasileira e nas exposições, é comum que ao mencionar a pessoa negra o foco recaia sobre o negro sofredor e passivo, um elemento indispensável para o enriquecimento da Metrópole. Ausentam-se, nesse cenário, os processos de resistência, a formação dos quilombos e as insurreições, além de encobrirem a presença dos alfaiates, quitandeiras, ferreiros, amas de leite e tantos outros ofícios que foram desempenhados. Essa desqualificação, portanto, é parte de uma herança colonial e racista que merece ser estudada, criticada e superada.

Neste mesmo sentido, citamos Michel Hamenoo (2008), ao se referir aos europeus do século XV, que descreviam os africanos como ‘uma raça menor e carente de lei’ nos revela as permanências de uma história do ponto de vista colonial no tempo presente e insiste que esta história deve ser questionada e superada, pois inferioriza, sobretudo, os africanos e seus descendentes diáspóricos. A esse respeito Munanga (2009) sensibiliza o leitor para uma história que rompa com pensamentos permeados de uma herança intelectual colonialista e realça a importância das escolas para a transformação dessa narrativa colonial e defende que neste ambiente haja a inclusão dos ensinamentos sobre os contributos da África para a formação da

civilização universal e do povo brasileiro. Essa narrativa encontra eco na escrita de Adichie (2009) e Hamenoo (2009).

Associando tais considerações ao contexto museológico é pertinente observar que os museus, como aponta Cocotle (2019), têm sua origem a partir da lógica da colonialidade e, por conseguinte, preservam elementos do ponto de vista do colonizador. Ou seja: a análise crítica da lógica museal torna-se um elemento fundamental para desvelar e confrontar o entendimento conservador, pois os museus configuram-se como espaços de conservação, mas também podem configurar espaços conservadores que expõem a lógica das elites, a narrativa colonial e os interesses da perpetuação de uma história hegemônica (Cocotle, 2019).

No contexto discutido, os museus virtuais desempenham um papel significativo para a decolonização desses espaços e para a subversão do pensamento museológico, rompendo com as estruturas que moldam as narrativas tradicionais expostas nos museus. Essas narrativas, muitas vezes, promovem uma progressiva ausência das vivências dos indígenas e quilombolas, relegando-os à margem da sociedade brasileira.

Sobre o princípio da ausência, é válido citar Grada Kilomba (2020, p. 6), renomada escritora e teórica interdisciplinar, que diz “algo que existe é tornado ausente [...], e por isso, deixa de ter uma existência real”. Assim, tal princípio, para a autora, configura-se como o fundamento para o racismo uma vez que a produção dos/das intelectuais negros/as, bem como dos/das pesquisadores/as e pensadores/as é frequentemente omitida, perpetuando um pensamento branco e eurocentrado como universal.

Assim, trazemos o conceito de museu virtual de Descallées e Mairesse (2013):

Uma coleção de objetos digitalizados, articulada logicamente e composta por diversos suportes que, por sua conectividade e seu caráter multiacessível, permite transcender os modos tradicionais de comunicação e de interação com o visitante[...]; ele não dispõe de um lugar ou espaço real, e seus objetos assim como as informações associadas, podem ser difundidos aos quatro cantos do mundo (Descallées; Mairesse, 2013, p. 65).

Assim, vale mencionar a fala de Marcelo Mattos Araújo presidente do Ibram/MinC no discurso de abertura do 7º Fórum Nacional de Museus realizado em 30 de maio de 2017 – Centro de Convenções da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS.

Nossos museus são territórios de afetos, espaços de conexão, locais de construção de memórias. Temos objetivos únicos: incomodar, debater, refletir, propor, incorporar,

questionar, provocar, dialogar e buscar contribuir para a construção das trilhas e caminhos que forem necessários para uma sociedade brasileira e mundial solidária e igualitária (Araújo, 2017 *apud* Pereira, 2018, p. 163).

Portanto, os museus virtuais, como é o caso do museu virtual da Boa Esperança, potencializam a dialogicidade entre o povo ou a comunidade que compõe o seu acervo oferecendo um multiacesso e uma difusão dos seus conteúdos a todos os lugares e a todas as pessoas, alinhando-se à visão de Marcelo Mattos Araújo que os entende como um território de afetos, construção de histórias e memórias, buscando o diálogo como ponte para a construção de uma sociedade solidária e igualitária.

Assim, entendemos os Museus, também, como espaços de disputas de memórias. A memória projetada pela Prefeitura Municipal de Teresina, através do Programa Lagoas do Norte (PLN), caracteriza a região atingida pelo Programa como: área sujeita a inundação com obstrução de caminhos naturais de drenagem, precárias condições de habitabilidade, insalubre, com poucas oportunidades de renda e pouco estímulo a atividades e manifestações culturais, esportivas e de lazer (Teresina, 2016). Enquanto o Museu Virtual da Boa Esperança expressa as memórias de lutas das pessoas da comunidade por seu direito ao seu território ancestral e à cidade, à cultura e à educação, ao trabalho e ao lazer, à moradia, etc. Enfim, direito à memória e a concretização da cidadania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus tradicionais, em sua maioria, persistem em apresentar uma versão da história do Brasil que negligência a rica diversidade sociocultural do país, pois desvaloriza e desqualifica os saberes e fazeres dos povos e comunidades tradicionais, contribuindo assim, para a perpetuação de uma história hegemônica. Esse fenômeno é acentuado pelo princípio da ausência, conforme destacado por Grada Kilomba (2008) que ressalta a invisibilidade de obras produzidas por intelectuais negros/as na biblioteca da universidade em que ela estudou.

Desta forma, o Museu Virtual da Comunidade Boa Esperança representa uma ferramenta de luta usada para denunciar as desapropriações involuntárias e exigir o direito à cidade e à preservação da cultura do território. Estratégia que podemos considerar decolonial, pois busca ressignificar a história de Teresina e de seus moradores e objetiva trazer à tona a importância dos oleiros, vazanteiros, rezadoras, benzedeiras, dentre outros, e, do povo negro para a construção da

cidade. Valorando, inclusive, o acervo que no caso de referido museu foi/é pensado coletivamente.

Contribuindo, assim, para a proteção do patrimônio. Seja através de imagens ou depoimentos, o museu desempenha um papel fundamental na preservação de elementos culturais que estão fadados a desaparecer caso o PLN, com sua política de desapropriação das mais de 2.000 (duas mil) famílias que vivem na região, não reveja sua execução, ou melhor, não reveja sua política de saneamento básico sem a presença da população negra e pobre no local. Além disso, o museu nos auxilia a compreender museus como espaços de afetos, construção de memórias e promoção de debates e diálogos, visando a promoção de uma sociedade mundial e brasileira igualitária e solidária.

Em suma, a luta das pessoas atingidas pelo PLN tem ganhado cada vez mais destaque e a demanda da comunidade ampliou-se com o processo de reconhecimento da comunidade como território quilombola. Em outras palavras desobedecer à ausência da história negra nos museus tradicionais para viver na existência conforme ensinado por Grada Kilomba, é uma prática adotada pela Comunidade Boa Esperança e pelas organizações que colaboram com os/as seus/suas moradores/ras, os/as quais persistem em luta diária conjugando o verbo esperar.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDRADE, Luan Rusvell de Abreu; ROCHA, Stenny Dyego Silva. Museu da Resistência: Relato de Experiência da Luta pelo Direito à Memória em Teresina-Pi. **Anais do Seminário Internacional O direito como liberdade 30 anos de O Direito Achado na Rua**, Brasília, 2019.

ARAÚJO, Roberto. **Manejo ecológico, manejos políticos**: observações preliminares sobre conflitos sociais numa área do Baixo Amazonas. In: DTNCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. da (Orgs.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: MPEG, 1994. p. 301-308.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: UNB, 2002.

CARVALHO, José Jorge, VIANNA, Leticia C R. **O Encontro de Saberes nas Universidades: uma síntese dos dez primeiros anos**. Revista Mundaú [online]. 2020, v. 9, pp. 23-49. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/11128>. Acesso em: 26 jul. 2021.

COCOTLE, Brenda. “Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea”, MASP-Afterall, 2019.

COMUNIDADE BOA ESPERANÇA LANÇA MUSEU VIRTUAL. Disponível em: <https://cidadeverde.com/diversidade/114112/comunidade-boa-esperanca-lanca-museu-virtual-memoria-lutas-e-reistencia>. Acesso em: 19 maio 2022.

CUNHA, M. N. B. da. Museu brasileiros e a construção de imagens sobre o negro- Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha. In: VASCONCELLOS, Camilo de Mello; FUNARI Pedro Paulo Funari; CARVALHO, Aline. (Org.). **Museus e identidades na América Latina**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2015. p. 177-187.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Lançamento do Museu Virtual da Boa Esperança Reconexão Periferias**. YOUTUBE, 5 jun 2021. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=DickkRXZ20o>. Acesso em: 21 maio 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMENOO, Michael. A África na ordem mundial. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 109-131. Coleção Sankofa – Volume 1.

LAGOAS DO NORTE, PRA QUEM? **Lançamento Do Site Museu Da Boa Esperança.**

Teresina, 2 junho 2021. Facebook: ComiteloagoasDoNorte.

Disponível: <https://www.facebook.com/ComiteLagoasDoNorte/photos/a.770268163130759/2002760346548195/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil:** por uma antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 251–290, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MATO, D. Superar el racismo oculto e interculturizar las universidades. Experiencias, avances y desafíos. **Revista +E versión em línea.** Santa Fe, v. 7, n. 7, p. 188-203, 2017.

MACEDO DUARTE, Juan Paul; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **Olarias e Sua Importância Para O Desenvolvimento Do Bairro Nova Brasília, Teresina-PI.** Anais do Simpósio de Geografia da UESPI, 2018. p. 2010-2014.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo.** São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 21-24. Coleção Sankofa – Volume 1.

MUSEU DA BOA ESPERANÇA. Disponível em: <https://www.museudaboaesperanca.org/> Acesso em: 14 set. 2024.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. A luta dos Quilombos: Ontem, Hoje e Amanhã. In: **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual:** Possibilidade nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. *Diáspora Africana:* Editora filhos da África, 2018.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Museologia Decolonial:** os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal. 2022. 332f. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018.

PEREIRA, L. C. **Os reis do quiabo:** meio ambiente, intervenções urbanísticas e constituição do lugar entre vazanteiros do médio Parnaíba em Teresina-Piauí. 207f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, DF, 2017.

RODRIGUES NETO, Edmundo Ximenes; LIMA, Antônia Jesuíta. Grandes projetos urbanísticos e participação política: análise do Programa Lagoas do Norte em Teresina. In: SILVA, M. do R. de F. e S. et al. (Org.). **Questão social e políticas públicas na atualidade.** Teresina: EDUFPI, 2017. p. 255-269.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Movimentos Sociais, Memória e História. **Universidade e Sociedade.** Brasília, ANDES-SN, p. 185-193, 2008.

TERESINA. Programa Lagoas do Norte. 2016. Disponível em: <https://semplan.pmt.pi.gov.br/lagoas-do-norte/> Acesso em: 29 ago. 2022.

TV ANTARES PIAUÍ. UFPI E COMUNIDADE DA BOA ESPERANÇA REALIZAM EXPOSIÇÃO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Eby81-Ie4Fo> Acesso em: 21 jun. 2023.

VOLPATO, Bruno. Saiba quais são as 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2023. **Resultados Digitais**. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

